

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Letras  
Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

O IMAGINÁRIO DO DRAGÃO NA LITERATURA DE MULHERES DOS SÉCULOS  
XIX E XXI

Esther Juliene Dorneles da Silva

Porto Alegre

2022

Esther Juliene Dorneles da Silva

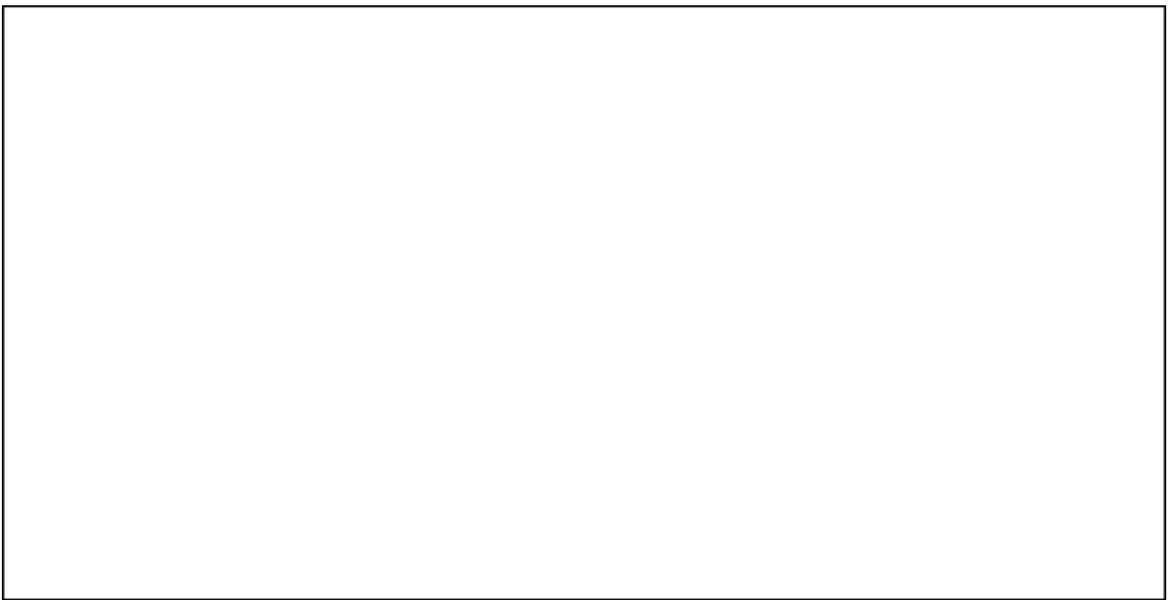
O IMAGINÁRIO DO DRAGÃO NA LITERATURA DE MULHERES DOS SÉCULOS  
XIX E XXI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cinara Antunes Ferreira.

Porto Alegre

2022



O IMAGINÁRIO DO DRAGÃO NA LITERATURA DE MULHERES DOS SÉCULOS  
XIX E XXI

Esther Juliene Dorneles da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cinara Antunes Ferreira.

Aprovado em: 12/05/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientador**

Profa. Dra. Cinara Antunes Ferreira.

UFRGS

---

**Membro da banca (1)**

Adriana Kerchner da Silva

UFRGS

---

**Membro da banca (2)**

Guilherme Barp

UFRGS

Para todos que escolhem ainda acreditar em fadas... E dragões.

## AGRADECIMENTOS

Foi em 2018 que eu primeiro mencionei para a minha orientadora, Cinara Ferreira, que gostaria de fazer meu trabalho de conclusão sobre dragões, mas que certamente essa era uma opção nada acadêmica e que eu achava que deveria gastar minha energia com algo que realmente fosse importante. Foi quando ela me perguntou por que eu achava que algo importante para mim não seria importante de ser dito ou escrito. Então agradeço a ela, por aquele questionamento e por ter me acolhido nesse projeto anos depois.

A faculdade de Letras não foi fácil e eu certamente não teria chegado até aqui sem o apoio de meus colegas: Lucas Teles, Giovana Oliveira, Adriana Kerchner, Luana Pênedo, Fabiana Viamonte e David Lopes. E aos meus amigos de sempre, Lucas Oyarzábal e Leonardo Cardoso. Vocês foram importantes mesmo quando eu ficava um pouco para trás. Vocês foram abrigo quando eu me sentia não mais pertencer a lugar algum.

E, apesar de importantes, meus colegas e amigos não foram suficientes, então eu preciso também agradecer a minha psicóloga, Ana Carolina, que sempre achou que era necessário eu não desistir, mesmo que eu quisesse muito. E a minha mãe, Marilene Daros, que me estimulou a seguir estudando, mesmo que um pouquinho por vez. Elas foram as responsáveis por eu não me sentir tão culpada pelo tempo que levei até a minha formação. Obrigada, de verdade.

Agradeço também ao meu pai, Julio Dorneles, que foi quem me ajudou a entrar nessa faculdade e foi quem me fez começar a terapia quando nada mais fazia sentido. Fico me perguntando até hoje se de fato você soube me indicar um lugar que, para eu ir até lá, provavelmente eu estaria nos meus melhores dias e com a minha melhor disposição. Se pensou ou não, deu certo, eu não teria feito de outro jeito no estado em que estava emocionalmente. Obrigada, pai.

Gostaria de um parágrafo, ainda, para agradecer a minha vó Lidia. Vó essa que me fazia ir para aula mesmo doente, porque educação era mais importante que saúde. Que quando entrei na UFRGS acordava antes de mim para me fazer café, mesmo que fosse absurdamente cedo. Que juntava uns trocados para as minhas passagens e que não se importa se minha formatura não vai ser no Salão de Atos, porque ela já está pensando nos concursos. Obrigada, vó.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu namorado, Matheus Westhelle, que escreve seu próprio trabalho de conclusão aqui, de frente para mim, enquanto digito essas palavras. Tua companhia e teu apoio durante esses *longos* anos de faculdade foram essenciais e se eu fosse me estender falando de você, daria mais um livro, então obrigada e, hei: Nós conseguimos.

Voltara a lutar. Voltara a empunhar a espada. E tinha gostado. Sentia a arma palpitar na sua mão, convidando-a a seguirem juntas o caminho interrompido, a combater de novo. Estava feliz, absurdamente feliz. - Licia Troisi, *A garota da terra do vento*

## RESUMO

Este trabalho analisa as obras *O livro dos dragões*, de Edith Nesbit, e *A caçadora de dragões*, de Kristen Ciccarelli, em uma perspectiva comparatista. Através deste estudo, busca-se entender a evolução do mito do dragão e do protagonismo feminino, no imaginário da literatura fantástica escrita por mulheres em diferentes momentos históricos. Para tal, serão utilizados os estudos sobre o imaginário de Gilbert Durand, assim como os estudos do mito da Medusa, de Rita Schmidt, e da Jornada da Heroína, de Maureen Murdock.

Palavras-chave: Literatura fantástica. Dragão. Imaginário. Protagonismo feminino.

## **ABSTRACT**

This work analyzes the literary works *O livro dos dragões*, by Edith Nesbit, and *A caçadora de dragões*, by Kristen Ciccarelli, in a comparative perspective. Through this study, we seek to understand the evolution of the myth of the dragon and female protagonism within the imaginary of fantasy literature written by women at different historical periods. For this analysis, we use Gilbert Durand's studies of the imaginary, as well as the studies of the myth of the Medusa, by Rita Schmidt, and of the heroine's journey, by Maureen Murdock.

Keywords: Fantasy literature. Dragon. Imaginary. Female protagonism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA</b>	<b>15</b>
2.1 DOS DRAGÕES	15
2.2 DAS OBRAS	17
2.3 DESTE TRABALHO E A LITERATURA	19
<b>3 EMBASAMENTO TEÓRICO</b>	<b>21</b>
3.1 PROTAGONISMO FEMININO	21
3.2 IMAGINÁRIO	23
<b>4 AS OBRAS E AS MULHERES</b>	<b>25</b>
4.1 O LIVRO DOS DRAGÕES, DE NESBIT	25
4.2 A CAÇADORA DE DRAGÕES, DE CICCARELLI	27
<b>5 DRAGÃO E IMAGINÁRIO</b>	<b>31</b>
5.1 OS DOMADORES DE DRAGÕES, DE NESBIT	32
5.2 ASHA E O PRIMEIRO DRAGÃO, DE CICCARELLI	35
5.3 TORWIN, SOMBRA E OS CAVALEIROS DE DRAGÕES, DE CICCARELLI	36
<b>6 SOBRE AS AUTORAS</b>	<b>38</b>
6.1 EDITH NESBIT	38
6.2 KRISTEN CICCARELLI	38
<b>7 CONCLUSÃO</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a comparar as obras *O livro dos dragões*, de Edith Nesbit (2021), publicado originalmente em 1899, e *A caçadora de dragões*, de Kristen Ciccarelli (2018). Ambas as obras se caracterizam por ser literatura fantástica, envolvendo o mito do dragão e protagonistas mulheres, além de suas autoras serem mulheres também. O que distingue as duas obras é, principalmente, o recorte temporal que cada uma ocupa: a primeira é do final do século XIX e a segunda do auge do século XXI.

A distância temporal das obras mostra uma evolução tanto na representação do papel das mulheres na literatura fantástica como uma evolução, também, do mito do *dragão medieval*. E, por evolução, entende-se que esses componentes mudaram seus traços e personalidades de forma a ganhar mais relevância dentro das obras literárias. O mito do dragão, inclusive, instigou a autora deste trabalho a ler muitas literaturas sobre o assunto ao longo de sua vida, analisando essa evolução de forma amadora e, até, motivando-a a entrar no curso de Letras, pelo qual esta monografia é realizada. Logo, encontrar nessas duas obras literárias uma forma de analisar mais academicamente e comprovar essa teoria evolutiva do mito do *dragão* ao longo dos séculos, dentro da literatura fantástica, é o que torna este trabalho não só possível, mas bastante pessoal.

Para tanto, este estudo será escrito em primeira pessoa, buscando analisar de forma comparada as duas obras em questão, para apresentar uma evolução no modo de representar as mulheres e o dragão na literatura fantástica. Inicialmente, justificarei as escolhas realizadas para este trabalho, o porquê dos dragões, da literatura de mulheres e das específicas obras em questão. Depois, apresentarei a metodologia *durandiana* para o estudo do imaginário e do mito do dragão, comparando a evolução do protagonismo feminino nas obras, a partir dos estudos de Rita Schmidt, sobre o mito da Medusa, e de Murdock, sobre a Jornada da Heroína.

De forma simultânea, avaliarei um terceiro item de análise que é a *contação de histórias*. As duas obras trabalham com contos, sendo a primeira delas por si só uma coletânea de contos infantis; e a segunda tendo a oralidade dos contos como

personagem significativo, tanto para a transformação do protagonismo feminino, a preservação da literatura, como na representação do dragão e do mundo dentro do universo do livro de Ciccarelli (2018).

É oportuno que a metalinguagem da contação de histórias surja como fator transformador na literatura, pois este trabalho defende a importância do imaginário e da literatura fantástica como fator transformador no mundo real. Afinal, se é preciso que a leitura seja um ato de amor, como defende Paulo Freire, é também preciso que a leitura toque nosso imaginário de forma instigante e apaixonante. E, para isso, entra em ação a literatura fantástica.

## 2 JUSTIFICATIVA

### 2.1 DOS DRAGÕES

Se me permitem uma pequena história: meu fascínio por dragões veio antes da literatura... Quer dizer, isso não é possível. Começar a escrever a frase já soou estranho. O que eu quis dizer é que meu fascínio por dragões veio antes de eu começar a ler literatura de fato. Pois obviamente os dragões só chegaram até mim através da literatura e de suas adaptações na mídia, então não é justo eu tirar a literatura da equação. Porém, se eu pensar em um motivo do meu fascínio, acho que seria porque eu cresci vivendo a transformação desse mito poderoso no imaginário popular.

O que me fez começar a dizer que eu gostava de dragões antes da literatura é que eu sou uma leitora bastante tardia. Apesar de ter pais que liam para mim antes de dormir, viver rodeada de livros e de exemplos de leitores, apesar de todos os estímulos de tios e avós, eu odiava ler. Eu odiava até os gibis e seus balões. Eu odiava ler e obviamente acabei sofrendo no âmbito escolar durante quase todo meu ensino fundamental, sempre passando com orientações dos professores para que meus pais procurassem ajuda profissional e professores particulares. Eu tinha de fato um problema, e era que eu odiava ler.

Mas eu amava dragões. Eu não sei exatamente a origem desse amor. Talvez alguma história que meu pai tenha lido para mim, talvez algum desenho ou filme que eu tenha visto quando criança. Eu só sei que um dia, andando no shopping e passando por uma daquelas livrarias/quiosques que ficam numa ilha no meio das lojas, eu vi um dragão. O dragão era a capa de um livro de exatas 460 páginas de apenas palavras e sem imagens. Eu odiava ler, mas queria saber que história aquele dragão contava.

Eu lembro da incredulidade da minha avó quando eu pedi o livro; eu tinha uns 14 anos na época, mas ela comprou sem pestanejar, apesar de caro. Em casa, eu corri para o quarto e comecei a ler... Travei na primeira página e procurei um dicionário para entender o que significava um “espectro” e, claro, o dicionário me deu um significado completamente científico e em nada definia o espectro do livro. E eu segui com meu estudo ao lado do dicionário mesmo assim, porque precisava

saber a história do dragão da capa e, se eu não entendia uma palavra, o dicionário deveria saber. Foi exaustivo. Eu lembro de acordar no dia seguinte com o livro aberto no meu peito e o dicionário do lado, sem ter avançado muito. Desisti do dicionário, então, e o que eu não entendesse ficaria para depois; eu aceitaria o que eu conseguisse absorver.

Em uma semana, acabei aquele livro, aprendi o que era o tal Espectro, a história do dragão e pedi o segundo livro da série. Em uma semana eu acabei o segundo, ainda não existia o terceiro. Corri na mesma livraria no meio do shopping e implorei por um livro parecido. O atendente não sabia de muitos livros parecidos, mas tinha um de fantasia com uma mulher de armadura na capa e ele disse que achava que tinha dragões: eu o li em menos de uma semana. Pedi o segundo e li ao mesmo tempo. Pedi o terceiro e minha mãe me avisou que não tinha mais dinheiro para eu ler um livro por semana.

Eu chorei a noite inteira.

Aos 15 anos eu tinha dois vícios, ler e dragões. Com o tempo passei a aceitar outras histórias, outros mitos, outras criaturas fantásticas que estimulavam meu imaginário. Eu descobri que a biblioteca da escola não era assim um lugar de tanta tortura. Inclusive melhorei muito minhas notas, não apenas em português e literatura, e passei a ser considerada inteligente até demais pelos meus colegas. Seguia sedenta por literaturas fantásticas, na época limitadas, encontrando jeitos de achá-las.

Livros se tornaram meu refúgio e de alguma forma me trouxeram ao curso de Letras. Ainda assim, mais do que apaixonada por livros... eu seguia apaixonada por dragões. Embora tivesse plena consciência de que dragões nunca tivessem de fato existido, algo no imaginário deles me fascinava. Eles mudavam de cultura para cultura, eles mudavam de tempos em tempos. Eram como se fossem vivos dentro desse conceito de imaginário humano. Como se de alguma forma a ideia de dragão estivesse se adaptando, mostrando outras faces. O dragão animal pode não existir, mas o mito dele parecia querer sobreviver.

## 2.2 DAS OBRAS

Essa sensação não era só minha. Em algum momento da história da humanidade, esse mito se transformou, e o dragão perdeu algumas das características animais e cruéis e foi ganhando mais humanidade, compaixão e chegando ao ponto de ser transformado e domesticado pelos homens — dentro dos livros, claro. Se o dragão medieval era vilão, cruel, sequestrador de ouro e mulheres, o dragão contemporâneo aparece para se defender e reagir contra essas acusações e ajudar o ser humano a lutar contra as adversidades reais do mundo: o próprio homem.

Mais de uma década depois do meu primeiro livro, eu estava tão convencida dessa transformação do dragão no imaginário popular que estranhei, em 2019, achar em uma livraria o título “*A caçadora de dragões*”. O título me causou tal confusão que eu me senti obrigada a comprá-lo na mesma hora. Eu precisava ler e tentar comprovar para mim mesma que era impossível em pleno 2019 existir um livro de fantasia com uma protagonista mulher, ainda por cima, que matasse deliberadamente dragões. Não que eu ache que mulheres não possam matar dragões, eu só também tinha a crença que mulheres olhariam duas vezes para um dragão antes de decidir que eles eram uma ameaça.

E meu instinto estava certo.

O livro da canadense Ciccarelli não só não contestava minha teoria, como parecia reafirmá-la. Nele, os dragões começam como vilões, e a protagonista precisa matar um a um; o livro começa com a morte de um deles. A morte de um dragão na literatura sempre me pareceu uma forma de extinção real do ser místico. Inclusive, não acho que a transformação do mito ao longo da história tenha sido um apagamento daquele dragão medieval cruel, mas uma tentativa de adaptação e preservação. Se os dragões seguissem apenas sendo os vilões que sequestravam ouro e mulheres, logo eles seriam descartados do imaginário e trocados por algum antagonista mais interessante que uma bestialidade em extinção. Se o imaginário não olhasse duas vezes para o dragão e visse seu potencial, eles teriam morrido, como foram “os últimos dragões” de tantas histórias medievais.

Antes que uma extinção ocorra, a caçadora deste livro é obrigada a olhar duas vezes para um dragão e não matar, mas tentar entender. E quando isso

acontece, tanto a protagonista quanto os dragões têm uma chance de ser algo mais dentro da obra. Terminar *A caçadora de dragões* foi um alívio. Eu estava certa de que nunca estive louca, e a transformação tinha acontecido, na literatura; aquele livro parecia ser uma consolidação do fato. Eu terminei o livro realizada: era a prova de uma pesquisa que eu parecia fazer desde criança. Eu tinha meu resultado.

Dois anos depois, em 2021, recebi de presente *O livro dos dragões*, de Edith Nesbit. Nesbit completou sua coletânea de contos infantis sobre dragões em 1899, e saber de uma mulher escrevendo sobre dragões no final do século XIX me deu arrepios por toda a coluna. Quando finalmente peguei a linda edição da Editora Wish nas mãos, eu não sabia o que esperar, mas estava ansiosa. E, curiosamente, minha primeira impressão foi infeliz: os contos se resumiam a crianças se livrando de dragões “malvados” que causavam caos em cidades, reinos ou mundos inteiros.

As crianças desses contos, normalmente, eram um menino e uma menina, dando a impressão que as meninas eram auxiliares para que os meninos alcançassem seu objetivo. Contudo, o que me chamou atenção é que os dragões eram *muitos*, vívidos, algumas vezes sendo uma praga que não parava de surgir em todo canto. Não tinha a sensação de extinção que normalmente cerca esse mito em livros mais antigos. Nos contos de Nesbit, os dragões eram uma constante forte, parte da natureza de todos os mundos representados.

E eles, claro, eram maus, traiçoeiros e problemáticos. Os dragões de Nesbit são, se não os vilões, os problemas dos contos — com exceção do dragão de gelo. Eu lembro de verbalizar que ficaria chateada de ler um livro de uma mulher, mesmo que do séc. XIX, que representasse dragões apenas de forma negativa. Algum potencial a dita “Mãe dos dragões” teria que ver em suas criaturas. E eu acredito que tenha achado uma leve transformação ao longo dos contos. Para Nesbit, o dragão ainda tinha como se tornar bom, ou útil, mesmo que fosse necessário se transformar em outra criatura para isso.

Outro ponto que me chamou atenção, no *Livro dos Dragões*, foi a presença da mulher, tanto na autoria quanto no protagonismo. As meninas e mulheres desses contos não eram apenas princesas a serem salvas, como outros contos infantis. Elas eram ativas, inteligentes e corajosas, embora tampouco agissem sozinhas. Sempre tem a presença masculina para complementar. Na verdade, a impressão que eu tive é que a figura feminina que completava a masculina nesses contos... O que também parece ter se transformado na literatura fantástica ao longo dos anos.

O livro de Nesbit me fez lembrar de *A caçadora de dragões*, lido por mim uns anos antes. Eu tinha agora dois opostos de dragões, dois distintos protagonismos de mulheres, eu tinha duas autoras mulheres de séculos diferentes que tratavam do mesmo assunto. Estava na hora de tirar minha teoria do imaginário e colocar no papel.

Um ser mitológico evolui?

Eu acredito que sim e não posso ter sido a primeira a pensar nisso.

### 2.3 DESTE TRABALHO E A LITERATURA

Se aquele livro com dragão na capa foi o meu primeiro interesse genuíno pela literatura, ele também me ajudou a entrar nesta universidade. E não digo isso pelo fato de depois de começar a ler, minhas notas e vida escolar terem melhorado, mas o digo porque entrei na faculdade de Letras com o tema de redação do vestibular de 2014, que nos pedia para defender um clássico. Não qualquer clássico, mas um livro que considerássemos o *nosso* clássico. Eu escolhi aquele mesmo livro.

Meu fascínio por dragões e a paixão posterior pela literatura me guiaram até aqui. Ainda assim, sinto que em momentos da licenciatura eu acabei abandonando meus gostos e leituras, focando no que era necessário acadêmica e canonicamente. Meus gostos pessoais e prazeres literários foram deixados totalmente de lado. Era custoso ler, então eu não lia. Aos poucos a própria faculdade foi ficando difícil, conciliando com trabalho e estresses próprios de uma formação acadêmica em turno integral, e eu fui me deteriorando.

Quando, em 2018, eu parei na frente de uma psicóloga chorando porque eu não aguentava mais, foi hora de dar uns passos para trás. Eu passei a fazer uma ou duas cadeiras da faculdade por semestre e voltei meus olhos de novo para a literatura fantástica. Encontrei mais protagonistas mulheres e muitos mais livros dos gêneros que eu tinha tanta dificuldade de encontrar na minha adolescência. Esses livros me reanimaram, junto com a terapia e o apoio familiar. Mas foram esses livros que despertaram uma letrista quase morta dentro de mim.

É interessante pensar que agora eu não preciso entrar numa livraria e implorar para que o atendente ache algum livro parecido com aquele do dragão na capa. Existem centenas, senão milhares, que atendem ao meu chamado de quase

15 anos atrás. Na vitrine de qualquer livraria, haverá vários para escolher, e *A caçadora de dragões* estará entre eles. Aquele título contestava a minha teoria inocente, na época, de que os dragões tinham sobrevivido e evoluído dentro da literatura fantástica. Que eles tinham seduzido seus São Jorges, lançado fogo no rabo de seus cavalos e se oferecido como uma nova montaria mais leal, mais poderosa, mais inteligente e que, ainda por cima, voava. São Jorge nunca teria voltado a matar o dragão, teria? “A caçadora de dragões” não poderia existir em 2019.

Comprei o livro e cheguei aqui. Se for para me formar, que seja com os dragões e suas amazonas.

### 3 EMBASAMENTO TEÓRICO

#### 3.1 PROTAGONISMO FEMININO

Ao me propor a trabalhar com duas literaturas escritas por mulheres e enfatizar esse fato, eu não poderia deixar esta parte do trabalho em branco e focar apenas nos dragões. Então, eu tenho, de certa forma, duas comparações a realizar nesta proposta: a dos dragões — e sua evolução no imaginário da literatura fantástica — e a do protagonismo feminino dentro destes mesmos livros.

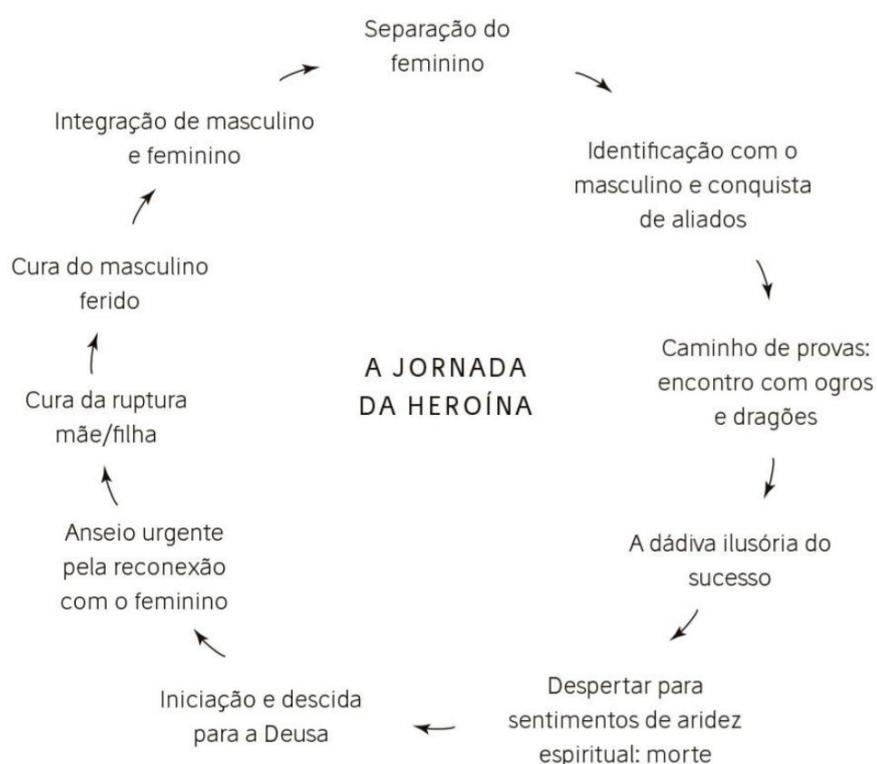
Vamos inverter um pouco a ordem dos fatores e começar então pelo protagonismo feminino. Para tal, além das minhas interpretações quanto às leituras das duas obras aqui estudadas e a comparação entre elas, vou me apoiar no texto *O fim da inocência: das Medusas de ontem e de hoje*, de Rita Schmidt (2006), tanto para auxiliar na interpretação da evolução da protagonista mulher na literatura fantástica quanto para embasar a minha escolha por livros escritos por mulheres. Para esta última, já a cito: “Temos muito que apreender sobre a literatura de autoria das mulheres, a do passado e a do presente, uma literatura riquíssima de conhecimentos sobre elas e seus mundos a partir de suas percepções e pontos de vista” (SCHMIDT, 2006, p.106).

Além disso, vou utilizar um pouco da *Jornada da heroína*, de Murdock (2022), para compreender melhor a trajetória da Asha, no segundo livro aqui analisado, *A Caçadora de Dragões*, de Ciccarelli (2018). Afinal, a trajetória de uma protagonista mulher se diferencia em alguns pontos da trajetória tradicional do herói masculino, e Asha passa por ela em seu livro, ao transitar por rupturas e conexões que a levam em uma contínua jornada de autoidentificação e de identificações que são expostas e impostas a ela por terceiros. A jornada de heroína de Asha vai contrastar com as mulheres dos contos de Nesbit, que já tinham um tom de vontade de se mostrar, mas ainda estavam nas sombras dos homens.

Algumas mulheres descobrem que seus esforços para conquistar sucesso e reconhecimento se baseavam no desejo de agradar os pais – especificamente, o pai internalizado. No momento em que começam a observar seus motivos, algumas têm dificuldade para encontrar as partes de si mesmas que são realmente suas. E aí surge um sentimento de desolação. “Quando olho para dentro de mim, não sei quem está lá”, me confidenciou uma cineasta com pouco mais de 40 anos. “Minha única certeza é um anseio de preencher meu coração. A única coisa em que posso confiar é o meu corpo.” (MURDOCK, 2022, p.30.)

A Jornada da Heroína é cíclica e com dez fases, podendo a heroína estar em mais de uma fase ao mesmo tempo. Não há uma idade certa na vida da mulher para começar a sua jornada, mas ocorre quando ela passa a não se identificar mais com ela mesma: “Trata-se de uma jornada interior fundamental para se tornar um ser humano totalmente integrado, equilibrado e íntegro[...] Trata-se de uma viagem que raramente recebe validação do mundo exterior – que, na verdade, muitas vezes a sabota e interfere nela. (MURDOCK, 2022, p.24).

Ao analisar a jornada de Asha, vou tentar perceber essas fases em sua trajetória narrativa, sendo as fases apresentadas por Murdock:



A jornada da heroína começa com a “Separação do feminino” e termina com a “Integração de masculino e feminino”.

Figura 1 - (MURDOCK, 2022, p 27.)

Gostaria de poder entrar mais a fundo no estudo sobre a Jornada da Heroína e o protagonismo feminino, mas para este trabalho a percepção desta jornada será breve e servirá para destacar essa mudança no protagonismo feminino das duas obras em questão.

### 3.2 IMAGINÁRIO

Quando me propus a fazer um estudo de imaginário, eu não sabia o quão vasto poderia ser esse campo da Teoria Literária. A cada nova leitura, eu tinha a certeza de que precisaria de pelo menos umas cinco mais para poder chegar em algum ponto de partida, o que levaria a um estudo eterno, pelo qual eu não tenho tempo aqui de transcorrer. Vou utilizar, então, uma visão mais clássica da metodologia de Durand, analisada por A.F. Araújo e R. Almeida (2018) sobre mitocrítica e seu estudo da *Imaginação Simbólica* (DURAND, 1993), segundo o qual: “revela-se como um factor *geral* de equilíbrio psicossocial”.

Sobre o imaginário, compartilho o estudo de A.F. Araújo e R. Almeida, em seu trabalho *Fundamentos metodológicos do imaginário: mitocrítica e mitanálise*, de 2018, no qual analisam a *mitodologia* de Durand:

Neste contexto interessa, desde já, referir que não consideramos o imaginário como um mero conjunto de representações fictícias, falsas ou ilusórias, ainda que admiramos que o imaginário, individual ou coletivo, não seja de todo a elas imune e que, por conseguinte, neste sentido, nos merece obviamente reservas e como tal deve ser rejeitado. Contudo, o imaginário é mais que isso, ele é também - sublinhamos - uma linguagem simbólica universal através do qual conferimos formas às nossas emoções, às nossas imagens, às nossas ideias. O imaginário neste sentido é um tecido complexo de afetos e de representações que permite, por sua vez, exprimir significações e produção de sentido correndo mesmo o risco de ser objeto igualmente de erros e de ilusões...” (A.F. Araújo; R. Almeida, 2018, p. 19)

Pensar na evolução do imaginário do dragão na literatura fantástica, então, faz-me entender que nossos pensamentos e diretrizes ou valores sociais mudaram. O mito do dragão não poderia continuar simplesmente sendo massacrado e exterminado por ser uma criatura diferente ou amedrontadora. Não cabe mais à humanidade destruir aquilo que lhe é diferente; cabe, sim, entender e dar espaço para que sobreviva. O mito do dragão parece se adaptar à concepção humana de que seu meio não foi feito apenas para ser destruído e usado para seu bel prazer, mas que é preciso também o humano se adaptar ao mundo e sua natureza selvagem. O mundo real possui um equilíbrio que precisa ser respeitado — quando extinguímos uma espécie de animal selvagem, há consequências, e parece que esse aprendizado foi aplicado ao mito do dragão na literatura. Se não podemos matá-los, então o que fazer?

O mito do dragão, também, além de se atrelar à natureza selvagem, traça um paralelo com a literatura em si. Tanto em contos de Nesbit quanto no livro da Ciccarelli, os dragões parecem ser uma representação viva do literário. Podemos perceber isso quando o pequeno Lionel tira criaturas fantásticas do “Livro das Feras”, incluindo um poderoso dragão que será a ameaça ao seu reino. O “Livro das Feras” é o conto que abre a coletânea de dragões de Nesbit: nele, o pequeno príncipe descobre que alguns livros podem ser mais poderosos e vívidos que outros — a leitura deste livro, inclusive, é proibida ao menino, mas é só através dela que ele consegue ajuda para derrotar o dragão. No livro de Ciccarelli, os dragões são representantes vivos da literatura também, mas para estes vamos fazer uma análise mais profunda à frente.

Ainda segundo A.F. Araújo e R. Almeida, “A mitocrítica é uma técnica de investigação que parte das obras literárias, artísticas, dos relatos, histórias de vida, documentos e narrativas de modo geral para depreender os mitos diretores dessas produções” (2018, p. 21). Então, para que a mitocrítica aconteça de forma útil, vou analisar as duas obras em seus recortes temporais e como elas se distinguem e se assemelham entre si, focando nos objetos de estudo, o dragão e o protagonismo feminino. Para o dragão, então, vou buscar averiguar se é o mesmo ser místico que cada obra explora — o dragão ocidental e/ou medieval — e por quais alterações ele possa ter passado entre o livro de Nesbit, do séc. XIX, e o livro de Ciccarelli, do séc. XXI. Tentarei avaliar um possível motivo para tais alterações, e como elas interferem na relação mito-homem-sociedade. Isto é, que papel esse mito tem na forma como o ser humano interage com seu mundo, na literatura fantástica, e quais consequências essas funções do Imaginário aplicam em nossa realidade.

## 4 AS OBRAS E AS MULHERES

Como dito anteriormente, o protagonismo feminino é uma parte da análise dessas obras que não pode ficar esquecida neste trabalho. Para tanto, vou tentar apresentar como as duas autoras representam suas protagonistas mulheres — quais são suas participações e relevâncias para cada história envolvida, que implicações podem existir entre as mudanças desse protagonismo do séc. XIX para o XXI. Concomitante, os dois livros contêm a metalinguagem de contos na contação de histórias. Em *O livro dos Dragões*, de Nesbit (1899), o próprio livro se trata de uma coletânea de contos para crianças, com morais e aprendizados que beliscam críticas à sociedade de sua época. Já em *A Caçadora de Dragões*, de Ciccarelli (2018), os contos são censurados dentro da história, e quem os conta ou escreve acaba sendo condenado à prisão ou morrendo (assassinado pelas autoridades locais), pois as chamadas “histórias antigas” podem levar o povo a perceber que vivem em uma sociedade ditatorial, escravagista, machista e manipuladora. De certa forma, a falta de literatura aprisiona o povo, o que significa, por oposição, que a presença da literatura liberta.

A abordagem dos contos parece funcionar tanto para as protagonistas como para as autoras se posicionarem no meio literário e no mundo, mas vamos analisá-las por partes, começando pela mais antiga.

### 4.1 O LIVRO DOS DRAGÕES, DE NESBIT

O livro de Nesbit é composto por oito contos infantis, nos quais os dragões aparecem como personagens transformadores. O mundo era estável, surge um ou mais dragões causando o caos e algo precisa ser feito para trazer o mundo de volta a sua normalidade. Os dragões aqui representados são cruéis, traiçoeiros, como lagartos que lançam fogo pela boca, destroem cidades, comem pessoas... Enfim, são o problema a ser solucionado, e, nesses contos, são as crianças a buscarem a solução para o problema. Para não generalizar, em apenas dois contos os dragões não são necessariamente um obstáculo e acabam, até, por ser a salvação das

crianças protagonistas, mas vou deixar para analisá-los na parte deste trabalho dedicada exclusivamente aos dragões — e voltemos às mulheres.

Nos demais seis contos, os dragões são definitivamente um problema e, como dito anteriormente, são as crianças que buscam uma solução para tal. Entre as crianças aqui, é necessário pontuar, mesmo sendo um livro escrito por uma mulher, são os meninos que ganham destaque. Na maioria dos contos, normalmente essas crianças são compostas por um casal, um menino e uma menina, mas a menina tende a acompanhar o menino, num papel quase auxiliar. E em contos nos quais há apenas uma criança de protagonista, é o menino que ganha destaque. Contudo, ainda assim, há algo de interessante a se avaliar nessas poucas meninas que dividem o protagonismo dos contos de Nesbit.

Normalmente os heróis são um casal de crianças, podendo ser irmãos, amigos ou até enamorados — se mais velhos. O papel feminino acaba sendo o de instigar o masculino a enfrentar o problema ou de ajudar a achar uma solução. Por exemplo, em contos como “A ilha dos Nove Redemoinhos”, o herói jamais teria conseguido salvar a princesa se ela mesma não o guiasse para esse caminho, com sua própria inteligência e coragem.

A princesa beijou o rapaz e voltou a costurar a última folha do último lírio no colo de seu vestido de noiva. Ela pensou muito no que estava escrito na pedra a respeito de o grifo ser artificial e, no dia seguinte, disse a Nigel: — Você sabe que um grifo é meio leão e meio águia, e as outras duas metades que sobram, quando unidas, formam o leão-grifo. Mas nunca o vi. Ainda assim, tenho uma ideia. (NESBIT, 2021, p. 137)

Nesse trecho, a princesa apresenta a ideia para se livrar da última besta que a aprisiona, o próprio dragão já tendo sido eliminado também com a sua ajuda. Mas preferi selecionar o trecho do grifo, pois aqui a percepção e a ideia são originalmente dela, que seria colocar as duas partes do grifo uma contra a outra. O homem apenas a coloca em ação posteriormente. Assim, a princesa presa na torre e guardada por um dragão e um grifo é finalmente salva por seu herói, como em diversos outros contos infantis. Com a diferença de que no de Nesbit, a princesa ajuda a planejar seu próprio resgate.

Apesar de um protagonismo feminino ofuscado pelos personagens masculinos durante os contos, a voz da narradora não pode ser esquecida. Nesbit impõe sua própria vivência e críticas sociais na contação de histórias, isto é, a

própria obra. Mesmo tendo publicado o livro com uma assinatura andrógina, como muitas mulheres da época, a narradora personagem é questionadora e impertinente, debochando de finais felizes improváveis, como no conto *Os domadores de dragões*: “E todos eles ficaram ricos sem trabalhar, o que é muito errado, mas o dragão nunca tinha ido à escola, como você foi, por isso não sabia como podia ser diferente” (NESBIT, 2021, p.164). Gosto de pensar no protagonismo feminino dessa obra se estendendo à narradora e, neste caso, também à autora, que, de forma um pouco mais sutil, buscava se posicionar ativamente no mundo.

#### 4.2 A CAÇADORA DE DRAGÕES, DE CICCARELLI

Cicarelli não só apresenta uma nova ideia de dragão no imaginário, como parece explorar essa transformação do mito em seu livro. Em *A Caçadora de Dragões* (2018), os dragões são caçados por representarem uma ameaça muito maior que a física. Eles ameaçam tirar o poder do rei, pois representam as histórias antigas, e as histórias contam verdades que quem governa gostaria de apagar. Para o rei, eliminar as histórias antigas é uma forma de controlar o povo, os escravos e os filhos, e a melhor forma de eliminar essas histórias é matando os dragões. Os dragões, dentro desse livro, não apenas fazem parte da literatura — eles são a literatura, a fonte das histórias. Os governantes tiranos se aproveitam do fato de terem as histórias atreladas a uma criatura que pode causar tantos danos: os dragões são venenosos, supostamente incontroláveis, matam e cospem fogo. Os contos infantis ou “histórias antigas” são então ditos profanos — quem se entrega a eles é corrompido moralmente e envenenado secretamente.

A ligação entre os dragões e as “histórias antigas” é explicada através da religiosidade da obra, pois “o Antigo”, um dos deuses locais, é ligado aos dragões, mais especificamente ao primeiro dragão, Kozu, a fonte das histórias:

Os trovadores— contadores de histórias sagradas de eras passadas— tinham alertado sobre a morte de Kozu. Ele era a fonte das histórias, diziam. Como tal, era o elo vivo do Antigo com seu povo. Se o primeiro dragão fosse morto, todas as histórias seriam arrancadas de mentes, línguas e pergaminhos, como se nunca tivessem existido. O Antigo seria esquecido e o elo entre ele e seu povo seria quebrado. Mas, enquanto Kozu vivesse, o mesmo ocorreria com as histórias, e as correntes que prendiam o povo de Asha ao Antigo permaneceriam intactas. (CICCARELLI, 2018, p. 34)

Alguns fatores do livro já nos fazem perceber a realidade fantástica a qual somos apresentados como leitores: a protagonista, Asha, possui escravos, vive em um reino sob censura e acredita ser seu dever eliminar os dragões. Desse ponto de partida, já temos conhecimento de que algo precisa mudar dentro da narrativa. Se ainda não é possível perceber que matar dragões é moralmente errado, isso fica mais evidente quando colocado em paralelo com a escravidão e a censura.

No entanto, tal percepção parece passar despercebida pela protagonista, que aceita sua realidade de forma bastante veemente e ativa, exceto no que diz respeito a respeitar a censura em relação às histórias antigas, que são equivalentes à literatura histórica dentro do livro. Asha conta as histórias antigas, mesmo que proibidas por seu pai, o rei, usando a desculpa de que apenas essas histórias conseguem atrair os dragões para poder matá-los. Em seguida, Asha recebe ajuda e posteriormente salva um escravo, entrando em conflito com mais uma das realidades que acredita ser certa. Ela, então, passa a não respeitar a censura nem a escravidão; o próximo passo para entender que sua realidade deve mudar é parar de matar dragões, o que, para ela, inicialmente, é quase impossível.

Um pouco de contexto: quando criança, Asha tinha muito pesadelos e, ignorando a lei que proibia as histórias antigas, sua mãe lhe contava essas histórias para dormir. Sabendo disso, o rei passou a envenenar a esposa, que desafiava seu poder. Asha acreditou que sua mãe morreu doente, como todos acreditavam que as histórias antigas adoeciam quem as contasse demais. Ela e todos os demais desconheciam os envenenamentos.

Em diferentes momentos históricos, os livros representam perigo ao poder instituído e, por isso, são apontados como fonte do mal, ou seja, como venenos. Na literatura, temos alguns exemplos clássicos, como a Divina Comédia, Dom Quixote. Nas três obras, as personagens padecem por terem sido envenenadas pelas ideias apresentadas pela literatura.

Apesar da morte da mãe — que podemos contar como a primeira fase da jornada da heroína, de Murdock (2013), em seu rompimento com o feminino —, Asha seguiu contando histórias antigas, o que a levou a ter uma conexão com o primeiro dragão, Kozu. Ela fugia do castelo à noite, encontrava Kozu, e eles contavam histórias um para o outro. Descobrimo isso, o rei usou a filha de isca para tentar matar o primeiro dragão, que conseguiu escapar e se rebelou contra a criança, Asha, e a cidade, queimando e matando muitos. Asha recebeu uma cicatriz

que a marcou para sempre e teve suas lembranças manipuladas pelo pai, em sua segunda fase da jornada da heroína, a identificação com o masculino. A menina foi intitulada *Iskari*, a deusa da morte, por esse mesmo pai, que anunciou ao reino que a vida da pequena Asha seria vivida para pagar seus pecados — isto é, matando dragões, dando início à terceira fase: a estrada das provações, encontrando dragões e ogros.

Desde pequena, então, Asha acredita que as histórias antigas envenenam, que os dragões são a sua ruína social e que ela deve viver tentando redimir sua ação de quando criança, que levou Kozu a destruir a cidade. Vale salientar que a protagonista ignora a culpa do pai no envenenamento da mãe e o fato de ter sido usada de isca, o que faz com que ela seja fiel e grata a ele por não odiá-la e por lhe dar uma chance de se redimir perante seu povo. Aqui Asha alcança a quarta e quinta fase da jornada da heroína: ela chegou ao seu apogeu como caçadora de dragões, mas também à infelicidade de ainda não se sentir completa e realizada tendo seguido as vontades do pai.

Nesta parte da história podemos fazer um paralelo de Asha com o mito da Medusa analisado por Schmidt. Asha vive uma inocência e uma cegueira em relação à realidade, manipulada por seu pai, que também impõe seu poder e manipula todo o povo local, afinal, ele é o rei. Asha assume o papel do herói tradicional, que mata monstros sem questionar, mesmo este não sendo o papel que ela escolheu para si mesma.

De todas as violências cometidas nos mitos contra as mulheres, por deuses e homens, (basta citar dentre outras, a própria Dana, Perséfone, Filomela e Aracne) o roubo da visão de Medusa pode ser considerado uma violência arquetípica contra todas as mulheres, pois a capacidade da visão se equaciona com a do poder de identificar, interpretar e conhecer. (SCHMIDT, 2006, p.101.)

Asha começa então a sexta fase de sua jornada, intitulada por Murdock como “iniciação e descida para a Deusa”. Ela já tem dentro de si um pouco da insubordinação ao pai, quando reconta as histórias antigas para seduzir os dragões em suas armadilhas, mas é só quando ela rejeita seu papel de herói assassino de monstros e aceita sua jornada de reconhecimento como heroína que ela consegue recuperar sua “visão” e se impor como sujeito ativo dentro de sua sociedade. Quando aceita sua jornada pessoal, quando não pode mais matar dragões, ela passa a enxergar a realidade à sua volta. A partir de então, nota o hediondo da

escravidão, percebe a natureza curiosa e pacífica dos dragões, e reconhece a forma como seu pai matou sua mãe, em sua fase sete: reconexão com o feminino. Antes mesmo de completar sua jornada, a protagonista chega ao ápice de perceber que, para se libertar e libertar seu povo da manipulação do rei, ela precisa matá-lo. E então ela o mata, vivendo assim a oitava fase de sua jornada — curando o rompimento de mãe e filha.

Até conseguir realizar esse ato, Asha precisa passar por muitas transformações, retomando sua fé em sua mãe morta, nas histórias antigas, nos dragões e em sua própria conexão com o divino do livro, nomeado *Antigo*, e que se manifesta pelos dragões e pelos *Namsaras*, profetas ou messias, que a própria Asha passa a ser. No fim da história, a menina que uma vez foi considerada por seu pai a *Iskari*, deusa da morte, é reposicionada, pela natureza e por si mesma, como *Namsara*, deus da vida, com um novo objetivo e a décima fase de sua jornada: "integração do masculino com o feminino": "Você é uma caçadora, não? Em vez de dragões... — Ele parou, verificando se não a havia ofendido. — Bom, você poderia resgatar histórias perdidas. Recuperar as tradições. Unir o reino como antes" (CICCARELLI, 2018, p. 292). Asha passa a ser a união de *Iskari* e *Namsara*, deuses da morte e da vida, deuses da noite e do sol, deuses feminino e masculino. Ela rompe essa divisão dualista.

Pensando nesses deuses de Ciccarelli em paralelo com a teoria de imaginário de Durand (2012) e seus regimes diurno e noturno, seria fácil categorizar Namsara como sendo um representante do regime diurno: solar, positivo, heroico, masculino e que luta contra a temporalidade e a morte. E Iskari como do regime noturno: noite, representando a morte, medos, cíclico e feminino. Contudo, Asha representa ambos; ela parece absorver essas duas partes do imaginário humano de forma a se completar e se empoderar.

O *Regime Diurno* tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação; o *Regime Noturno* subdivide-se nas dominantes digestivas e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos. (DURAND, 2012, p. 58)

Uma outra parte interessante sobre o destino da protagonista nessa história é que ela não vira rainha no final. Por ter matado o rei, ela será sempre uma criminosa

destinada à pena de morte e perseguida por regicídio. O rompimento com o patriarcado que Asha executa é bastante alusivo e intenso — não seria possível encarar sem consequências graves dentro de uma sociedade que ainda é patriarcal. Ainda assim é um final feliz e heroico para ela. Conversando com o texto de Schmidt(2006, p. 105), podemos concluir:

O fim da inocência, para as mulheres escritoras, tem significado libertar-se, muitas vezes e a duras penas, do jugo de uma tradição patriarcal milenar que sempre se colocou na posição de definir, normativamente, sua natureza, sua identidade, seu papel social e seus desejos.

## 5 DRAGÃO E IMAGINÁRIO

E quanto aos dragões? A visão ambígua do dragão pode estar já presente no imaginário quando consideramos o dragão ocidental e oriental como o mesmo mito, sendo o primeiro mais relacionado à morte e o segundo à fertilidade e à vida. Contudo, nas obras estudadas, estamos lidando propriamente com o dragão ocidental ou medieval, ou seja, um monstro. Investigando no *Dicionário de Símbolos* (2001), de Chevalier e Gheerbrant, temos uma primeira impressão desse mito na literatura:

O dragão nos aparece essencialmente como um guardião severo ou como um símbolo do mal e das tendências demoníacas. Ele é, na verdade, o guardião dos tesouros ocultos e, como tal, o adversário que deve ser eliminado para se ter acesso a eles. No Ocidente, o dragão guarda o Tosão de Ouro e o Jardim das Hespérides; na China, num conto da dinastia T'ang, guarda a Pérola. A lenda de Siegfried confirma que o *tesouro* guardado pelo dragão é a imortalidade. (2001, p. 349).

O próprio Durand (2012), em seu trabalho *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*, apresenta o dragão como um ser genuinamente representante do seu regime noturno:

O Dragão parece resumir simbolicamente todos os aspectos do regime noturno da imagem que consideramos até aqui: monstro antiluviano, animal do trovão, furor da água, semeador de morte, ele é bem, como notou Dontenville, uma 'criação do medo' [...] Todos os relatos lendários descrevem com horror as exigências alimentares do Dragão: em Bordéus, o monstro devorava uma virgem por dia, tal como em Tarascon e Poitiers. Essa ferocidade aquática e devorante vai popularizar-se em todos os Bestiários medievais sob a forma de

fabulosos *coquatrix* e de inumeráveis *cocadrilles* e *cocodrilles* dos nossos campos (2012, p. 97-98)

Tanto no dicionário de símbolos quanto no estudo das estruturas antropológicas de Durand (2012), encontramos o dragão como um ser antagônico ao homem, mas além disso — o dragão parece representar o próprio mal e terrores humanos:

A imaginação parece construir o arquétipo do Dragão ou da Esfinge a partir dos terrores fragmentares, nojos, sustos, das repulsões instintivas ou experimentadas, e finalmente ergue-o medonho, mais real que o próprio rio, fonte imaginária de todos os terrores da trevas e das águas. (2012, p.98)

E para Chevalier e Gheerbrant (2001):

*O herói, explica J. L. Henderson, afunda-se nas trevas que representam uma espécie de morte... A luta entre o herói e o dragão... deixa transparecer... o tema arquetípico do **triunfo do Ego sobre as tendências regressivas..** [...] São Jorge ou São Miguel em combate com o dragão, representados por tantos artistas, ilustram a luta perpétua do bem contra o mal. Sob as formas as mais variadas, o tema obsessional todas as culturas e todas as religiões e aparece até no materialismo dialético da luta de classes” (2001, p. 351-352, grifos originais).*

Eu questiono ao leitor: É este o dragão que vem a sua mente? Ou algo diferente? É um símbolo de morte, medos, nojos? São os dragões ainda representantes do que temos de impuro dentro de nós ou passamos a tratá-los de outra forma dentro da literatura fantástica? Vamos analisar, então, as obras de Nesbit e Ciccarelli no que diz respeito a esse mito.

## 5.1 OS DOMADORES DE DRAGÕES, DE NESBIT

Sendo a proposta deste trabalho analisar os dragões e sua interferência na relação humano-mundo dentro da literatura fantástica, vou dar destaque aqui para um conto específico de Nesbit intitulado “Os domadores de dragões”. O próprio título já chama atenção para quem vinha lendo o livro e percebendo a necessidade das

personagens de se livrarem por definitivo dos dragões, ao contrário desse, que traz uma proposta de domá-los, ou seja, de mantê-los por perto.

Então não é surpresa que, ao começar o conto, o problema apresentado não seja um dragão, mas a fome, a pobreza e a desigualdade social vivida por um ferreiro, sua mulher e seu bebê. Essa família é apresentada como ocupante de um castelo em ruínas, vivendo às margens da sociedade e sem solução aparente. É nesse contexto que o dragão surge não como uma solução, mas como mais um problema para o ferreiro. O dragão que aparece para o ferreiro tem partes de metal e procura ajuda para arrumar suas asas. O ferreiro, então, convence-o de que para ajudá-lo seria necessário acorrentá-lo, algo que o dragão só aceita depois de ter algo do ferreiro como garantia de que seria solto depois. A garantia exigida pelo dragão é o bebê.

O que interessa na interação entre o dragão e o ferreiro é que o dragão é bastante educado. Ele deixa claro, sim, que após ter suas asas restauradas, mataria todos na cidade e deixaria o ferreiro por último. Mas ele também é ingênuo por confiar no ferreiro. Usa palavras como “cuidar” no que diz respeito ao bebê e inclusive ronrona por horas a fio para garantir que a criança não chore. Ainda assim, o ferreiro o engana, prende-o sem intenção de soltar e busca ajuda do prefeito e dos moradores da cidade, que se dizem “muito ocupados” para ajudá-lo a recuperar seu filho das garras do dragão. O ferreiro e a mulher, então, só recuperam seu filho quando usam novamente a ingenuidade do dragão contra ele. Quando ele está cansado de ronronar, eles prometem que cuidam do bebê e o trazem de novo no dia seguinte, o que não cumprem, deixando o dragão acorrentado e colocando grades no cômodo em que ele se encontra. O dragão torna-se prisioneiro.

Essa foi a primeira parte da história, na qual o dragão foi um problema que o ferreiro e sua mulher solucionaram, sozinhos. A cidade comemorou, o prefeito foi homenageado, prêmios e comitês foram distribuídos, mas nada disso foi direcionado ao ferreiro. Por sorte, ter um dragão preso em casa fez com que sua vida mudasse um pouco, com o turismo envolvendo a exposição do animal.

Quando a honraria foi finalizada, havia mil libras, e um comitê foi formado para determinar o que deveria ser feito com a quantia. Um terço foi direcionado a pagar um banquete para o prefeito e seus funcionários; outro terço foi gasto em um colar de ouro com um dragão para o governante e medalhas de ouro com dragões para os funcionários; e o que sobrou foi para despesas do comitê. Assim, não houve nada para John, apenas a coroa de louros e a consciência de que ele tinha salvado a cidade (NESBIT, 2021, p. 153-154).

É importante perceber que o problema do conto não terminou. A desigualdade social e o governo corrupto e imoral continuavam acontecendo. E, ainda, considerando um leitor com piedade por animais, poderia ser lembrado que o dragão está acorrentado e preso, o que também é ruim. Logo, a história se abre para uma segunda fase, na qual o bebê, Johnnie, está crescendo, e ele e sua amiga precisam salvar a cidade mais uma vez. Desta vez, o mal é um gigante e, para enfrentá-lo, as crianças resolvem soltar o dragão. Porém, como prendê-lo de novo depois e impedir que ele devore toda a cidade?

O jovem procura o prefeito pedindo ajuda, e este promete um prêmio em dinheiro para quem prendesse novamente o dragão. A diferença entre a primeira e a segunda fase é que Johnnie se impõe contra o prefeito e diz não confiar nas promessas dele. Ao ouvir isso, os habitantes da cidade afirmam que, se Johnnie conseguisse prender o dragão, deporiam o prefeito de seu cargo e Johnnie passaria a ser o novo governante, já que ninguém estava mesmo satisfeito com o prefeito. O jovem aceita.

Não muito diferente do pai, Johnnie usa da inocência do dragão para enganá-lo e prendê-lo novamente. O dragão fica depressivo e chora, enferrujando suas partes de metal, que começam a cair. Ele passa a se alimentar de leite e pão e a aceitar o carinho das crianças da cidade. Com o tempo, fica domesticado e pode ser solto finalmente.

Quando o dragão saiu da masmorra, seguindo Johnnie e Tina para as cores azuis e douradas do dia do casamento deles, piscou como um gato à luz do dia e se chacoalhou, e as últimas placas caíram, assim como suas asas, e ele ficou parecendo um gato muito grande. A partir daquele dia, ele foi ficando mais e mais peludo, e foi o começo de todos os gatos. Nada do dragão permaneceu, exceto as garras, que todos os gatos ainda têm, como é possível ver. E espero que agora você entenda como é importante alimentar seu gato com pão e leite. Se você o deixar sem nada para comer, além de ratos e pássaros, ele pode ficar maior e mais feroz, com escamas e cauda, desenvolver asas e se tornar o início dos dragões. E toda a confusão começaria de novo (NESBIT, 2021, p. 164-165).

Talvez fosse possível afirmar que o dragão desse conto não é o mesmo dragão analisado neste trabalho, mas não é este o caso. O dragão, no início, é bastante semelhante aos demais dragões do livro. Cruel, com instintos animais, e quando ele luta contra o gigante é possível identificar que também lança fogo. A

diferença aqui, por uma questão de narrativa, é que ele tem partes de metal, logo, precisava da ajuda do ferreiro para se manter dragão.

Esse conto não é o único no qual o dragão surge como personagem transformador que ajudará os protagonistas a se livrarem de um governante ruim e corrupto, mas é o único no qual o dragão fica até o final, não sendo morto ou mandado embora. É o conto que me faz acreditar que mesmo no séc. XIX, Nesbit viu algo de interessante e útil nessas criaturas, que não precisavam ser sempre as vilãs.

## 5.2 ASHA E O PRIMEIRO DRAGÃO, DE CICCARELLI

Em 2018, Ciccarelli ainda se utiliza dessa fama de seres cruéis e assassinos para construir sua história fantástica com dragões. Ela cria uma protagonista que, ao se assemelhar com os dragões, é vista como um ser de maldade, cuja única forma de se redimir perante as pessoas seria caçando e matando as criaturas. Como já vimos no capítulo sobre o protagonismo feminino de *A caçadora de dragões*, a semelhança entre Asha, a protagonista, e os dragões é a paixão por contar histórias — mais precisamente, contar as “histórias antigas” que seriam os contos infantis que narram a história de seu povo. Contudo, essas histórias são proibidas, censuradas pelo rei e por outros antes dele.

Segundo o princípio da narrativa, os dragões matam e as histórias matam. Os dragões possuem veneno no seu fogo e nos seus ossos, e as histórias possuem veneno em sua essência. Asha acredita que, por ela contar histórias sem morrer e por ter sido queimada por um dragão, também sem morrer, isso a torna tão má quanto estes dois elementos, o dragão e os contos, o que também a torna imune a eles. Logo, ela acha, como lhe foi feito acreditar pelo pai, que é essa maldade dentro dela que a faz contar histórias e buscar dragões, um atrativo para Kozu. “Sempre houvera algo de errado com Asha. Algo facilmente corrompível. Seu vício de infância por histórias antigas fora o primeiro sinal. O terrível incidente com Kozu fora o segundo” (CICCARELLI, 2018, p.118).

Existe uma relação evidente entre Asha e o primeiro dragão. Uma relação que os dois lembram com remorso, mas que ainda assim não conseguem lutar contra. Ambos carregam uma cicatriz no corpo inteiro, ambos amam histórias e

ambos sentem que suas vidas estão interligadas. Caso as histórias antigas não fossem censuradas, teria sido mais fácil perceber o motivo. Segundo essas histórias, Kozu escolhia como seu cavaleiro o Namsara, uma espécie de profeta, representando o deus da vida e escolhido pelo Antigo, que surgia em momentos de necessidade do povo. Kozu tinha escolhido Asha desde que ela era uma criança.

Ela havia pensado que sua maldade atraía Kozu quando criança. Assim como tinha permitido que contasse as histórias antigas sem ser envenenada por elas. Mas as histórias não eram corrompidas. E Asha também não. A prova estava nas histórias: Kozu era a marca de um namsara...Eu sou a namsara (CICCARELLI, 2018, p. 332).

Kozu é a ligação com o Antigo e a origem das histórias antigas, mas ele ainda é um animal selvagem poderoso. “Como uma história, Kozu era formidável e feroz, lindo e poderoso” (CICCARELLI, 2018, p.222). Então, sim, ele é um dragão típico oriental, que voa, lança fogo e mata cidades inteiras quando provocado. Ele poderia muito bem ser um dos dragões de Nesbit, mas estamos dois séculos à frente e as coisas mudaram. A metáfora aqui é bem simples: matar os dragões é matar a literatura, algo tão importante quanto a própria liberdade.

### 5.3 TORWIN, SOMBRA E OS CAVALEIROS DE DRAGÕES, DE CICCARELLI

Apesar de Asha ter criado um elo com o primeiro dragão, Kozu, o que a torna um Namsara, a história de Ciccarelli ainda traz os dragões como algo vivo e resistente. Eles foram caçados, mas não extintos. Outros dois personagens mostram essa conexão entre humano e fera, que não precisa ser de um messias com o primeiro dragão: A ligação de Torwin com o dragão Sombra, o primeiro sendo o escravo salvo por Asha e o segundo sendo o dragão enviado para que Asha protegesse, acontece mesmo antes da de Asha com Kozu, mostrando que é possível essas criaturas selvagens criarem um elo e uma parceria com humanos diversos. Nessa obra, o elo entre um cavaleiro de dragão e seu dragão é realizado pelo primeiro voo. A partir disso, humano e dragão criam uma conexão quase física. Assim, Kozu poderia sentir quando Asha estava em perigo e voar até ela, igual à relação entre Torwin e o dragão Sombra.

Com esse conhecimento, Asha e Torwin conseguem criar uma frota de cavaleiros de dragões, com Asha seduzindo os dragões através das histórias

antigas e Torwin ensinando os humanos voluntários a montar, voar e conduzir as criaturas. Os dragões aqui são adestrados para fortalecer as frotas rebeldes na revolta que pretende tirar o poder do rei, libertar os escravos e selar a paz entre os dragões e o povo nativo da região.

Logo, no que diz respeito ao dragão e seu papel transformador na relação homem-mundo, nessa obra, Kozu aparece para libertar Asha de uma vida servil e manipulada pelo pai. Isso se repete com Sombra, para ajudar Torwin a libertar seu povo da escravidão. E, nos demais cavaleiros de dragões, como uma esperança de um futuro melhor. Os dragões, aqui, acabam sendo inspiração, liberdade e também uma ferramenta de poder.

## 6 SOBRE AS AUTORAS

### 6.1 EDITH NESBIT

O que sabemos de Nesbit no Brasil acabou sendo coletado pela Editora Wish em seu volume de *O Livro dos Dragões* publicado em 2021, através de financiamento coletivo. O prefácio da obra, assinado por Laura Brand, conta a história de uma autora britânica que praticamente se alfabetizou e educou através da literatura. Escreveu desde muito jovem, aventurando-se na poesia e até no terror. Escreveu para adultos e jovens, mas se destacou com a literatura infanto-juvenil.

Nesbit é considerada a primeira escritora moderna de livros infantojuvenis e a criadora do gênero de aventura dentro das histórias voltadas para o público jovem. Influenciou gerações de outros escritores, incluindo C.S. Lewis e J.K. Rowling, que tiraram de suas obras alguns elementos das histórias mais famosas que conhecemos (BRAND, 2021, p. 12).

As críticas sociais em seu livro condizem com seu alinhamento político pessoal, que se mostrava nas muitas observações pertinentes sobre o governo da era vitoriana e se alinhava com pensamentos e, inclusive, partidos socialistas. Nesbit publicou suas obras com o primeiro nome oculto, apenas com a inicial, algo bastante comum para mulheres que optavam por não ter suas obras julgadas pelo seu gênero no séc. XIX.

### 6.2 KRISTEN CICCARELLI

Kristen Ciccarelli é uma canadense bastante polida sobre informações pessoais em seu site. Sabemos que *A Caçadora de Dragões* foi seu primeiro Best Seller, traduzido em 12 línguas e, como ela mesma cita em seus agradecimentos da obra, ela busca escrever sobre as histórias que procura no mundo: “Ainda não sabia, mas o que eu procurava eram mulheres rompendo um paradigma cultural que ditava quem e o que deviam ser” (CICCARELLI, 2018).

O que posso afirmar como leitora é que ela é bastante acessível, gosta de publicar conteúdos sobre escrita e de manter contato com seus leitores. Segue escrevendo, tendo mais dois livros publicados da série *Iskari*, cujo primeiro livro é *A*

*caçadora de dragões*, já traduzidos no Brasil com os títulos *A Rainha Aprisionada* e *a A Tecelã do Céu*, e tem um novo lançamento em 2022 intitulado no original de *Edgewood*.

## 7 CONCLUSÃO

Não consigo deixar de sorrir enquanto concluo este trabalho. A sensação de ter buscado a Esther de 15 anos atrás, puxado ela pela mão e dito: “sua paixão por dragões importa, sim. Eles não morreram, eles existem. Esses livros agora são muitos, você pode lê-los, você pode, até mesmo, escrevê-los. E isso é importante”. Gosto da ideia de ter crescido em um mundo no qual as mulheres e os dragões ganharam espaço, maior valorização e se destacaram dentro da literatura fantástica. Gosto da ideia de um mito que sempre viveu numa vilania que não lhe cabia, da qual nunca pôde se defender e encontrou um jeito de se manifestar.

Mas o que concluo aqui? Acredito que o que mais levo de entendimento sobre a evolução dos dragões ao longo dos séculos é que de fato a literatura precisou de vilões mais interessantes. Chegou um ponto no qual o herói, ou heroína, não poderia se voltar apenas contra monstros e dragões por eles serem assustadores, selvagens e desconhecidos. É como se, em uma maturidade da literatura fantástica, os vilões passassem a ser o próprio homem. E o que se faz com os dragões então? Ou os deixam morrer, ou acham utilidade para eles.

Entre os dois livros estudados, podemos ver que a natureza feril do mito permanece, mas desde *Os Domadores de Dragões*, de Nesbit, já é possível perceber que o verdadeiro vilão não é o dragão, mas o próprio homem. Ciccarelli parece fechar esse ciclo quando Kozu ajuda Asha a se salvar e salvar seu reino de um tirano. Entendo aqui que a literatura aprendeu a usar o mito do dragão a favor do ser humano, como aliado e amigo.

Seria possível citar tantos outros exemplos de dragões no meio literário e na mídia que foram evoluindo para algo mais amigável e próximo do ser humano. Acredito até que seria possível fazer uma linha do tempo entre o dragão mais cruel, como o Smaug de Tolkien; O dragão não mais cruel, mas ainda sendo extinto, como o Coração de Dragão, filme dos anos 90, ou até mesmo A História Sem Fim; Os dragões mais selvagens, mas já selados com cavaleiros de dragões, como em A Garota da Terra do Vento, de Licia Troisi e chegando aos dragões completamente

domesticados, como o Banguela, de Como Treinar Seus Dragão, que foi bastante aclamado pela mídia.

Também sigo acreditando que, apesar de menos conhecidas, as obras de Nesbit e Ciccarelli funcionam muito bem para criar esse elo de transformação entre o mito dragão e o protagonismo de mulheres dentro da literatura fantástica através dos séculos. Nesbit já mostrou uma vontade de mudança dentro da sua escrita, e Ciccarelli parece resumir essa transformação em sua obra.

Concluo que nosso imaginário não conseguiu deixar algo tão fantástico e mágico quanto dragões para morrer, muito menos mantê-los como vilões — forçando-os a se adaptarem, a criarem laços com seres humanos, a serem domesticados. Os dragões se adaptaram para sobreviver no nosso imaginário, porque nos fascinam seu poder e a liberdade que eles podem trazer à nossa mente. Também concluo que as mulheres lutaram para conquistar seu espaço de protagonismo, matando reis e resgatando elas mesmas, quando necessário, seus amores. De preferência montadas em um dragão.

## REFERÊNCIAS

NESBIT, Edith. **O livro dos dragões**. São Caetano do Sul, SP: Wish, 2021. Tradução de: Carolina Caires Coelho. Prefácio de: Laura Brand.

CICCARELLI, Kristen. **A caçadora de dragões: Iskari: vol.1**. 1ª ed. - São Paulo: Seguinte, 2018. Tradução de: Eric Novello.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. 6ª ed. - Lisboa, Portugal: Edições 70, Lda, 1993. Tradução de: Carlos Aboim de Brito.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martnis Fontes, 2012. Tradução de: Hélder Godinho.

MURDOCK, Maureen. **A Jornada da Heroína**. [recurso eletrônico]/ tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **O fim da inocência: das Medusas de ontem e de hoje**, Signo, Santa Cruz do Sul, RS. vol. 31, p. 95-112, nesp. 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/210423>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

ARAÚJO, A. F., & TEIXEIRA, M. C. S.. **Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário**. *Letras de Hoje, Porto Alegre*, v. 44, n. 4, p. 7-13, out./dez. 2009. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/283037695/Gilbert-Durand-e-a-Pedagogia-Do-Imaginario>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ARAÚJO, Alberto Filipe. ALMEIDA, Rogério de. **Fundamentos metodológicos do imaginário: mitocrítica e mitanálise**. Têssera, Uberlândia, MG. vol.1, n.1, p. 18-42, jul./dez. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14393/TES-V1n1-2018-2>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. com colaboração de: André Barbault... [et al.]. - 16. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

TROISI, Licia. **A garota da terra do vento** [recurso eletrônico]. Tradução de Mario Fondelli. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.